



O Rei Alberto, da Belgica, fallando com o general French ácerca da guerra na praça do Mercado em Furnes

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo co- brador accresce o importe das despezas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Número avulso	60

Photo-Bazar

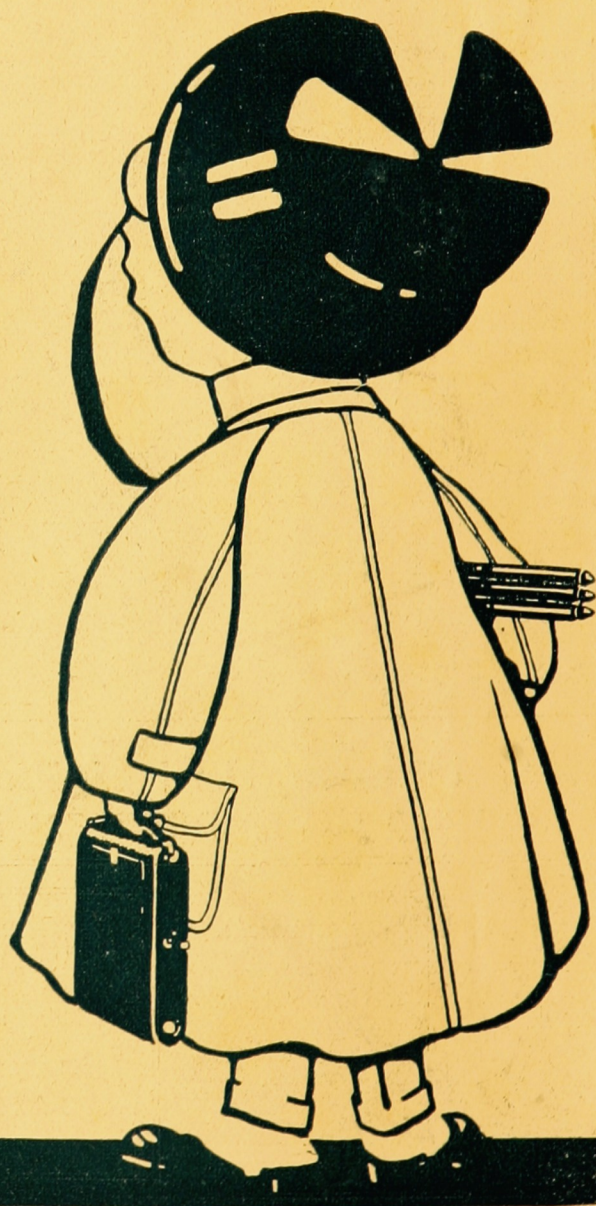
Deposito geral

DE

Artigos fotograficos

Maquinas e accessorios:
chapas, papeis e produtos,
cartonagens e novidades.

— ■ —
Praça da Liberdade, 99—PORTO



Peçam o nosso catalogo n.º 10



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 2 de janeiro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 79—Anno II



Poincaré, presidente da Republica franceza e Jorge V, rei de Inglaterra, por ocasião da entrevista realizada no Norte de França

Chronica da Semana

LXXVIII

Batendo á porta...

N O limiar do novo anno o mysterio deixou levemente o seu negro manto de sombra, abandonado. A esperança que cresceu do nosso peito, almo lirio real, na hora decisiva em que, pobres mendigos da Fortuna, batemos ao portico de oiro, — soluçou a nossa supplica...

E as portas do mysterio, rangeram nos gonzos lentamente, e abriram-se...

Anda ver, creança, anda ver como é escuro o palacio que sonhaste quando, ao fitares as ultimas folhas engeitadas nos atalhos do inverno, ao frio, e vendo a fome a ladrar pelos casebres como os lobos sombrios da montanha, tu consolavas o proprio coração entristecido, repetindo baixinho, como em prece: — Para o anno! Para o anno!...

E rezavas, como nós rezamos, para que o Menino Jesus depuzesse nos teus sapatinhos a linda prenda d'um anno novo cheio de brinquedos para ti, cheio de felicidade para nós!

Felicidade! Ai quem a dêra na minha mão, suspirava o poeta doente, vendo-a fugir, fugir, para bem longe, como a ultima andorinha, n'um céu de azul a desmaiar...

Anda ver, creança, anda ver, tu que não conheces, senão em muito pouco, o muito que nós choramos já, anda ver a escuridão em que adormece o teu palacio — escuridão funda, sem estrellas, e vem ouvir a voz rouca do grande doido, do homem em guerra, a cantar uma ballada de dôr e raiva entre longos murmurios de saudades do que elle foi em creança, como tu és no berço de plumas brancas do teu sonho de pureza, entre lagrimas de melancholia, que a teus olhos, creança, não borbulhavam ainda, e que vão cahir sobre a sepultura dos dias que não tornam...

Anno novo! Tudo escuro, tudo mysterio. Novo em quê? Não o sabemos. Novo em desgostos? Novo em prantos? Ah! que não venha então a ter comnosco, porque novidade não nos

trará, tanta illusão desfolhamos já pelos outros annos que, como elle, novos chegaram e afinal tinham o mesmo aspecto de velhos, como o tempo, e a mesma monotonia taciturna das coisas que marcam os passos rasgados e certos da eternidade, como as horas...

E assim pensando, nos deixamos ir na corrente da incerteza. Mas bemdita seja a incerteza... Ella é como as nesgas de céu claro na tormenta. Por onde ella passa a esperança ainda floresce. Todos amamos a vida, não pela alegria que ella nos dá, triste e parca esmola, mas pelo lindo sonho de conquista que levantamos hoje sobre o que o dia d'amanhã será para nós... Por isso a fatalidade, a curva severa d'uma sentença mortal a que se não foge, nos atterra e nos repugna.

Por isso repellimos com horror a fatalidade, o livido espectro apavorante de seculos sem luz e sem ideal superior, em que o espirito andava preso, — o Prometteu da lenda! — ás algemas de oiro do prazer e da orgia.

Já se não vê, não, esculpido nos frisos dos templos o *Anankê* brutal da mythologia hellenica, — e por isso tu rezas, rezas sempre, creança, porque a esperança é a irmã que o Senhor te concedeu para conforto, ainda que o infortunio assombre, como uma aza negra atravessando o luar calmo, a placidez dos teus olhos, em oração erguidos!

E o *anno-novo*, se nos tortura como as grandes e terriveis interrogações que pairam sobre a vida, mostra-nos em compensação o valor, o alto valor da fé, porque ella não é mais do que o rumo certo de uma esperança.

Como nós, os que padecemos o calvario da desillusão, nos sentimos bem quando rezamos contigo, creança, a tua piedosa oração ao Senhor dos nossos dias, do nosso futuro, ao Senhor do anno-novo!

Então já não tememos a escuridão em que adormece o teu palacio, porque cremos na luz que vem do céu, nem contemplamos o longo manto que o mysterio deixou no limiar do anno-novo, porque sabemos bem que elle é branco, como o almo lirio real do teu sonho, creança, e que apenas nos parece negro, pela sombra que a tristeza do nosso olhar sobre elle espargiu!...

F. V.

VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

(Interregno)

UMA casa editora de Milão vae editar os sermões, em italiano, do P.^e Antonio Vieira, que outr'ora fizeram a delicia da Roma purpurada, a Roma selecta e erudita dos theologos e dos prelados. Esta manifestação amavel de respeito pela obra do grande orador sagrado seria uma gentileza enternecedora, se não fosse um acto de verdadeira justiça. Gloria da tribuna, mestre da lingua, Vieira não é honrado com a vulgarisação da sua obra, porque é precisamente a sua obra extraordinaria que honra a iniciativa sympathica dos editores de Milão.

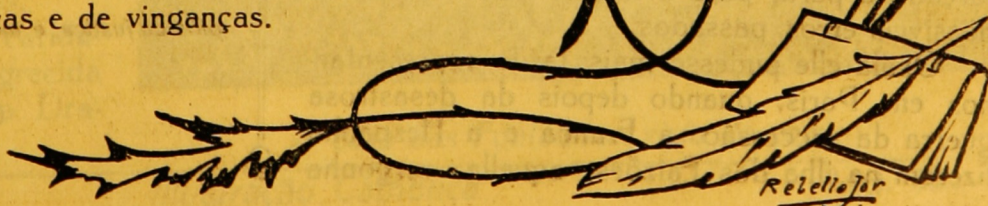
Ignoro se os sermões proferidos em Roma contêm allusões politicas, como muitas das suas orações recitadas em Lisboa e que são um precioso subsidio para a historia politica do tempo. Porque Vieira, além de prégador admiravel, foi politico e diplomata con-



PRADO—Entrada da Casa das Fontainhas, de que é proprietario o snr. Antonio J. Rodrigues

summado e, muito embora quasi ignorado ainda, este duplo aspecto da sua brilhantissima gentileza, não sei se mais admirar o classico renovador do lexicon, arrebatando a multidão com a sua palavra inspirada, se o diplomata frio, negociando em Roma, em lucta aberta com o embaixador de Hespanha, Duque do Infantado, (que o ameaçou de morte) o casamento do principe D. Theodosio com a filha de Filippe IV, que nos assegurava a posse da corôa d'Hespanha ou sahindo triumphante das contendias com Mazarino, que nos ameaçava, feroz.

A sua vida, inquieta, attribulada, semeada d'odios, d'invejas e d'intrigas, hoje no Paço, valido, conselheiro dos Reis, inspirando, dispondo, amanhã nos confins do sertão americano, semeando a fé, foi um longo sudario de injustiças e de vinganças.



Com a morte de D. João IV, os inimigos cresceram, fortificaram-se e teceram-lhe, seguros do exito, uma nefanda intriga que o levou para o desterro. Vieira, abandonado então em Coimbra, converteu-se n'um partidario acerrimo do ambicioso D. Pedro, mas triumphante a revolução, que tanto ajudou com a sua palavra, o gallardo infante, só teve para o mestre e defensor uma parca magnanimidade:—commutou-lhe a pena de desterro, mas abandonou-o aos seus detractores, não lhe restituindo o antigo prestigio. Novas intrigas, novas calumnias, fizeram-o emigrar e longe, abandonado, no exilio, ainda sob o jugo perseguidor d'enredos e inimizadas, acabou, na Bahia, a sua vida atribulada.

Foi no reinado de D. João IV que mais brilhou como diplomata, que a sua vontade de politico, orientou, impoz. Interveio em todas as negociações do tempo. Errou talvez na Hollanda mas a prudencia habilidosa, a astucia intelligente com que em Paris contrariou o perigoso



PRADO—O snr. Antonio José Rodrigues e familia na sua casa das Fontainhas

projecto do cardeal Mazarino, que pretendia casar D. Theodosio com Mademoiselle de Longeville e confiar a regencia do reino, até á sua maioridade, ao príncipe de Condé, sendo o Rei forçado a partir para o Brazil, rehabilitam-o de possiveis erros passados.

Oxalá elle pudesse mais tarde representar-nos em Paris, quando depois da desastrosa guerra da successão, a França e a Hespanha fizeram na ilha dos Faizões, aquella vergonha



Na quinta das Fontainhas

diplomática que Voltaire classifica d'infâmia, nas suas *Cartas Politicas*.

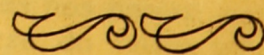
Pudesse elle discutir muitos annos depois com o manhoso Tayllerand e talvez nos tivesse poupado, a ameaça de *Fontainebleau*, depois do convite forçado ao bloqueio continental e a visita, pouco agradável, do desmoralizado exercito de Junot...

Mas o grande orador, ha muito já que dormia na sua campa rasa de missionario. O inimigo é que, sempre alérta, não esquecia o odio velho e ameaçava, ameaçava... Mas não ha que extranhar! A França teve sempre para conosco d'estas gentilezas; nós, é que nem sempre tivemos homens como este, para lhe contrariar os manejos...

Paço Episcopal,
21—XII—914.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

Nas guerras de opiniões e nas guerras politicas, cada um, parecendo-lhe vêr a virtude do seu lado e o crime no campo inimigo, reputa todos os meios legitimos para chegar aos seus fins, e infringe sem escrupulo todos os principios da justiça, e todas as regras da moral.



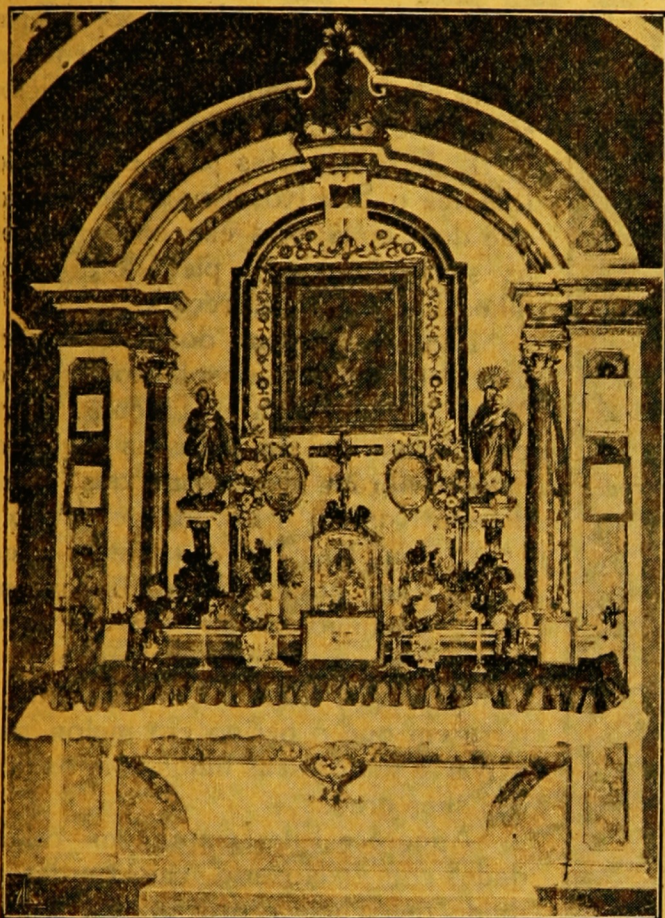
Nossa Senhora de Pompeia



E appareceu um grande prodigio no céu: Uma mulher vestida de sol, tendo a lua debaixo dos pés, e na sua cabeça uma corôa de doze estrellas. — *Apocalypse*.



um nome que vibra como harpa eolia, tem sons que resoam no mais intimo do nosso ser e nos trazem á memoria horas deliciosas que, por vezes, pas-

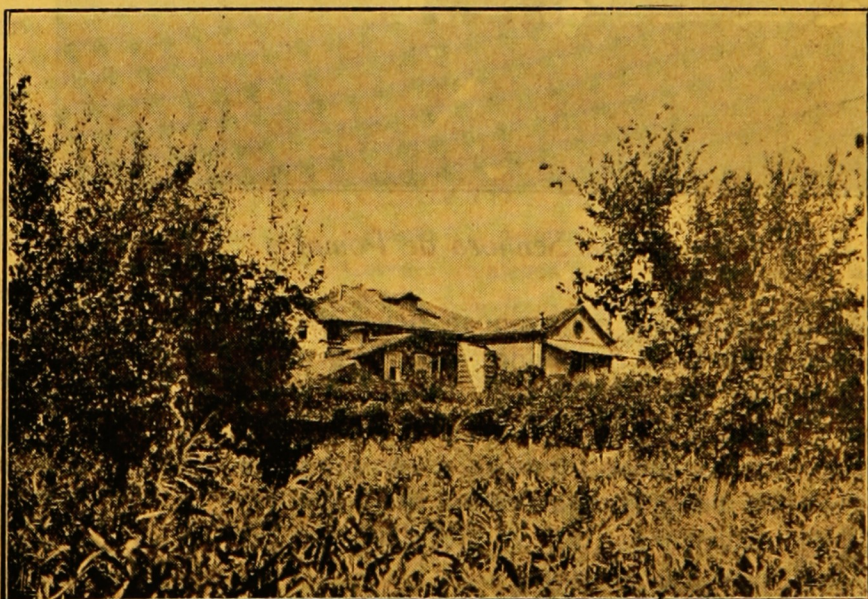


Interior da capella da casa das Fontainhas

samos junto d'aquelle sanctuario, onde a fé escreveu o seu mais bello poema, nos marmores e nos bronzes, nas telas e nas pedrarias riquissimas, que adornam o magestoso templo, consagrado á Virgem do Rosario. Ella espargue alli, como o sol, os seus raios beneficos e acolhe debaixo do seu manto protector as creanças orphãs e os pobres filhos dos encarcerados.

A infancia desvalida cresce á sombra d'este esplendido sanctuario entregue aos cuidados dos benemeritos filhos de São Domingos.

Floresceu este oasis da caridade christã n'uma terra ennegrecida pela candente lava ao pé do Dragão, vomitando fogo.



A casa das Fontainhas vista do campo

Pompeia-a-Nova, brotou d'uma graça da Virgem Maria, feita ao celebre advogado Bartholo Longo. Um lampejo de luz divina tirou das trevas a alma d'um impio deante da Imagem bendita da Senhora do Rosario. E elle, como agradecimento do seu coração, offereceu a vida e os haveres á Mãe de Deus.

A ultima vez que visitamos este maravilhoso Sanctuario, uma erupção do vulcão na sua impetuosa furia, destruiu povoações inteiras, sem ao de leve tocar na cidade de Maria.

Tremia a terra, sons roucos atordoavam os ares, clarões fulvos tingiam o poente; mas o céu azul, imagem d'Aquella que é a *flôr dos campos* e a *açucena dos valles*, parecia na sua belleza serena convidar-nos á paz. Ouviam-se clamores do lado do templo; era uma multidão compacta de romeiros, que para alli se dirigia, pedindo protecção A'quella que é o *Perpetuo Socorro*.

Tranquillos seguimos aquella fila de gente que sempre em tempos calamitosos pedia auxilio á Santissima Virgem e de lá voltava socogada para os seus lares.

O vulcão apaziguava-se com o orvalho do céu...

O valle de Pompeia é um deslumbramento uma miragem parasidiaca; estende-se graciosamente desde o sopé do Vesuvio até ao mar de saphira onde o céu reflecte a sua belleza toda e sem rival.

Napoles, a cidade tão maravilhosa, que ao vê-la esquecemos o resto do mundo, taes os seus encantos fascinadores, desponta lá ao longe, mirando-se vaidosa nas ondas puras do Mediterraneo, que a embala com os seus maravilhosos cantares de sereia. E n'este paraíso vivem homens que se esquecem de louvar a Deus!

Mas o monstro pavoroso que parece invejar a terra por haver tão rico thesouro enfurecendo-se faz tremer aquelles que lhe ficam proximos da pata infernal.

Pompeia ainda hoje nos mostra com orgulho as suas ruínas de tantos seculos, onde em tempos aureos ella era a rainha das cidades qual outra Bābylonia toda repleta de joias, de perfumarias e de riquezas sem par, mas que n'um dado momento a colera do Senhor tudo abateu como em tempos mais remotos ainda o fez a Sodoma e a Gomorra.

A historia levanta apenas uma ponta do expesso véo para nos mostrar a tragedia do mal; o coração desfallece de horror, nem um vislumbre de luz suavisa a nossa alma apavorada, mas alli no sorridente valle de Pompeia temos a esperança a alentar-nos—é a Senhora do Rosario que sob o seu manto prateado, acolhe todos que d'Elle se abeiram.



Nossa Senhora de Pompeia

A historia d'esta maravilhosa devoção está espalhada por todo o mundo — a Virgem de Pompeia não vive em segredo, não se esconde como a Senhora de la Salette, nas regiões alpestres onde as almas mysticas a vão procurar.

Os seus milagres aqui estão bem patentes nos dons riquissimos que a gratidão dos homens alli tem ido offertar.

Mal se entra no sumptuoso templo fica-se extasiado deante da milagrosa Imagem que hoje está adornada de joias preciosissimas, um

diadema de brilhantes do mais subido valor cinge a formosa cabeça de Maria, tendo sido coroada por um delegado do immortal Leão XIII. Um rosario de perolas formosissimas, pende dos dedos da Virgem que Jesus Infante segura nas suas divinas mãos.

E a saudação do anjo Gabriel *Avé Maria Gratia Plena*, lê-se em letras fulgentes de diamantes aos pés da tela formosa, representando a Mãe de Deus. Estrellas de brilhantes valiosissimas que a rainha de Sabá poderia invejar projectam raios de luzes multicolores como o Arco-iris quando o sol desponta qual sorriso entre as lagrimas.

Diamantes, rubis, e perolas, são offertas dos poderosos que manifestam a sua fé em joias assim como os pobres em sacrificios, são thesouros das suas almas...

E de todas estas joias e sacrificios Ella fez o Seu Rosario e tão grande que do Céu á terra elle chegaria com as saudações que a piedade dos seus filhos Lhe tem endereçado.

Ella é a Virgem dos Desamparados, Senhora da Consolação, Mãe de Misericordia, Vida e Doçura, Torre de marfim... e de todas as partes do mundo vibram invocações que fariam do seu Rosario a Escada de Jacob.

E Pompeia-a-Nova que nasceu nas cinzas d'um grande destroço é um milagre continuo mostrando ás gerações vindouras, que a Senhora de Pompeia quiz fazer a Sua morada na terra em que o perigo era maior para avivar a fé dos seus filhos com os dons das suas graças.

Apparece Ella sempre nas calamidades com o Rosario, em Lourdes pedindo penitencia e oração, em tempos longinquos, durante o flagello que assolou a patria de S. Luiz, dando-o a S. Domingos para extinguir a *hydra* infernal que fazia tremer de pavor o mundo todo.

Oxalá que hoje na medonha hecatombe que está ensanguentando a Europa, se lembrem que o Rosario seria o melhor talisman para acalmar a ira de Deus pela intercessão do Principe da Paz, Christo Redemptor.

Pompeia é uma esperança na calamidade mundial e em letras fulgentes mostra o seu valor — O Vesuvio, imagem do inferno com as suas metralhas promptas constantemente para destruir tudo quanto é bello na sua furia infernal não investe contra a Imagem do Céu — a Virgem Santissima, — a Senhora do Rosario — a Porta d'Oiro a Quem todas as gerações chamarão bemaventurada.

MARIA SALOMÉ.



A RECOMPENSA

(Conto para crianças)

A neve amortalhara a rustica montanha.

Como um presagio triste,
Onde o Infortunio existe
E reina o Desconforto,

N'uma choça arruinada a Miséria se entranha.

E é tal sua canceira,
Que o fogo na lareira
Em curto praso é morto.

Um longo anno findava em que o Luto e a Saudade

Envolveram n'um manto
Feito de dôr e pranto,
Dois pobres orfãosinhos.

Sem dô, sem compaixão por sua tenra idade,

Roubara-lhes a Morte
Do pae o braço forte
E os maternos carinhos.

Luctavam com a Fome. E quasi sem abrigo!

E sem recurso algum!
Recursos? Existia um.
Mas... nem pensar em tal!

Haviam de vender esse presepio antigo

Que elles tanto estimavam
E em frente ao qual cantavam
Na Festa do Natal?!

A dar a seu irmão todo o parco alimento

Resolvendo-se pois,
O mais velho dos dois
Desistiu de ceiar.

Deitou-se acabrunhado e, fixo o pensamento

Na forma como havia
De passar outro dia,
Forçava-o a velar.

Brøga

O De subito porém sobre a enxerga ajoelhou,

Ouvindo as badaladas
Solemnes, compassadas,
No bronze annunciar

Que esse anno se afastava e que outro emfim chegou:

Fez o signal da Cruz,
E o Menino Jesus
Invocou, a bradar:

A Vós, que em rude palha estaes tão mal deitado,

Queixar-me eu não devia.
Mas beija-Vos Maria,
A terna Mãe querida,

E para Vós trabalha o seu esposo amado.

Eu... vejo-me sem pão.
Só co'um pequeno irmão.
Oh! conservae-lhe a vida!

Muito mau para nós foi o anno que passou.

Fazei que o novo seja
Melhor e que eu não veja
O meu irmão soffrer.

Se me dessem trabalho!... Em busca d'elle vou.

Mas acham-me creança
E tiram-me a esperança.
Jesus, que hei-de fazer?!

Rangeram no presepio as palhas e, animado,

Sae d'elle o Deus Menino,
Consola o pequenino,
Cobre-o de afagos seus.

Agora elle é feliz, com Jesus a seu lado

Que as palpebras lhe cerra.
Faltam-lhe os bens da terra,
Mas tem o amor de Deus.

OO

Elvira Neves Pereira

O Natal no sertão



NO presente momento que tanto se fala em Africa, que as nossas expedições se succedem, que vamos mais uma vez afirmar o nosso dominio em terras que fomos nós os primeiros a conhecer, a pisar e a civilisar, parece-me interessante fazer o extracto de um diario do matto, escripto por Franz Toussaint, âcerca da maneira como o major francez Henry Moll, um dos exploradores a quem a geographia mais deve, tratava os seus soldados

Cahira a noite. Assentado no eirado da sua habitação, Moll contemplava uma intensa claridade que brilhava na direcção de Kabara, para além de Tombuctu. Junto d'elle, o tenente Lescure brincava com um macaco. De subito Moll pergunta a seu subalterno.

— Não vê aquelle clarão? O senhor que tem excellente vista é capaz de distinguir se é alguma palhota a arder?

— Não vejo fumo — respondeu o official — e as palhotas fazem muito fumo quando ardem. Naturalmente é a fogueira de algum acampamento, uma fogueira de nomadas insensíveis ás delicias de Tombuctu... Mas, espere ahi! Estamos a 24 de dezembro! Talvez esses viajantes sejam os Reis Magos.

E Lescure poz-se a assobiar uma aria.

— Incorrível meridional — murmura Moll com gravidade.

E calou-se. Que visão o preocupava ao encarar o deserto azulado pelo luar? Pensava na sua patria, em tanta gente que á meia noite se dirige á igreja para ouvir a missa do gallo?

— Lescure — disse Moll — amanhã depois da distribuição do rancho da tarde previna o sargento de semana que forme os soldados em frente de minha casa. Quero explicar aos indigenas o motivo porque descansam no dia 25 e porque podem dansar o batuque. Talvez não percebam nada do que eu lhes conte, mas... tambem S. João prégou no deserto...

No dia seguinte tocou a unir na parada do forte Hugueny. N'um abrir e fechar de olhos os meharistas (soldados indigenas montados em camellos), formaram em duas fileiras na posição de sentido. Feita a chamada não faltava ninguem. Terminada ella appareceu Henry Moll, então capitão, acompanhado dos tenentes Lescure, Andreani e Lormier.

— Formem em circulo — ordenou o capitão. Os atiradores rodearam os officiaes.

— Sargento Mahmadu — convidou Moll, dirigindo-se a um preto gigantesco, com a Legião de honra ao peito — traduza o que eu vou dizer a quem não saiba francez.

O official inferior expectorou e preparou-se para obedecer.

*
*
*

— Soldados! Vou explicar-lhes porque descansam hoje...

Um bom atirador deve sempre poder explicar porque faz isto ou aquillo, tanto no forte Hugueny como no matto... Descansam ho-



Interior bretão—Quadro de Mario Barbosa

je porque os *tubabs* (brancos) vossos chefes, celebram o nascimento de um menino-marabú, que se tornou Seu Deus... Este nascimento realizou-se ha muito tempo, n'uma terra ainda mais longe que Gao, muito mais longe que Zindor e todas essas terras de Bahr-el-Ghazal... Este menino-marabú chamava-se Jesus... Sua mãe chamava-se Maria, como a mulher do *diulá* (negociante) mouro que tem a loja por traz da mesquita Djindjiriber...

O cabo Samba Noi tocou com o braço no do camarada que lhe ficava á direita. Moll lançou-lhe um olhar severo, e continuou:

—...Este menino-marabú, chamado Jesus, era o filho de Deus, do Deus dos *tubabs*, que é coronel de todos os vossos deuses, como lh'o tem dito o bom padre Dupuy, quando lhes leva á enfermaria tabaco e nozes de kola... Advinho que o sargento Seku Diallo, que procura sempre instruir-se, deseja que eu lhe conte como Maria deu á luz o filho do coronel de todos os vossos deuses, por isso que nunca ninguém viu esse coronel, que não é nem um *tubab* nem um preto...

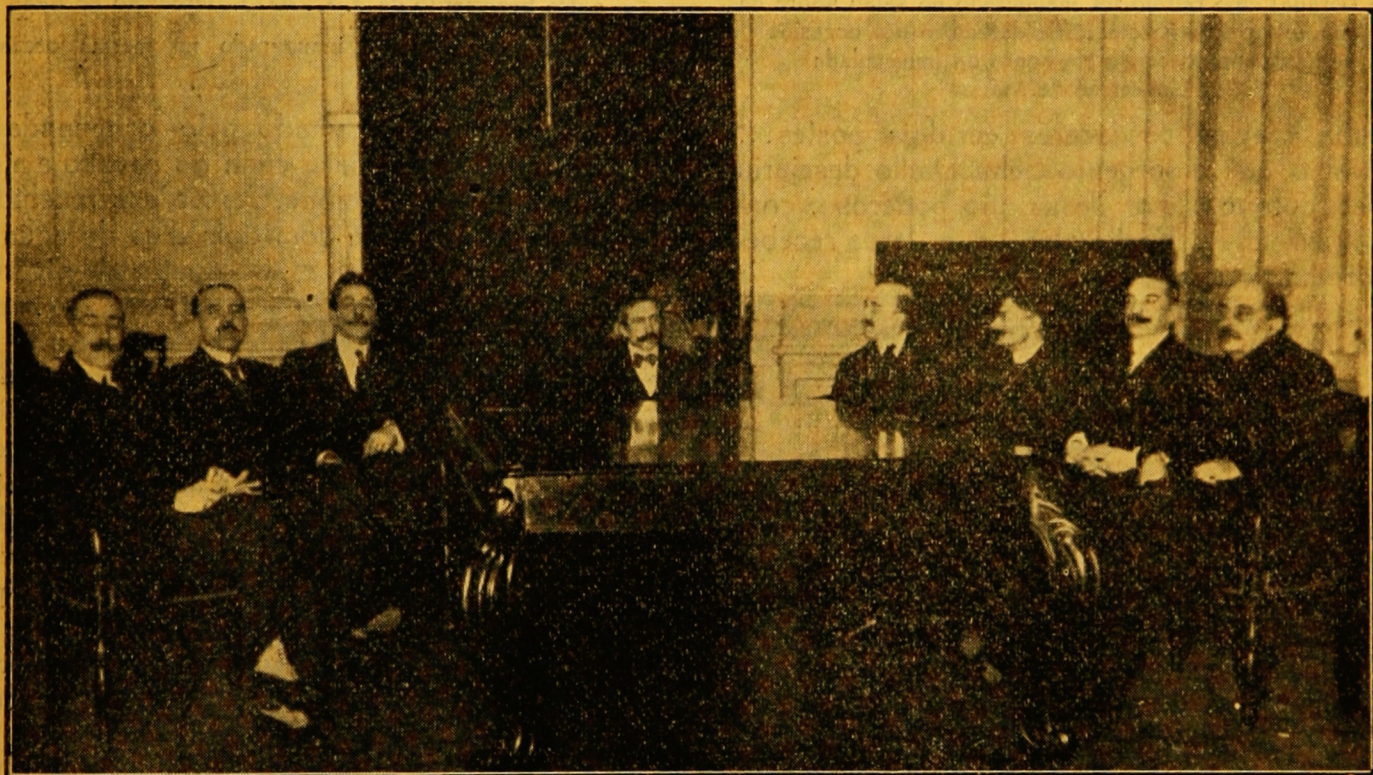
O capitão Moll tossiu um pouco embaraçado.

—...Eu vou responder... O caso ocorreu ha tanto tempo... tanto tempo que não se sabe bem ao certo como foi... Apenas se sabe que um *djinn* disse a Maria: «Anissaguê! (Eu te saúdo). Previno-te que dentro em breve serás

por um prodigio... Estes *famás* eram excellentes meharistas... Sabiam ainda melhor que o sargento Mareko Fofana, poupar a sua montada durante um reconhecimento. Por exemplo: nunca prendiam os camellos á beira dos paúes. Guiados pela grande estrella, viajavam, acompanhados de uma multidão de homens que conduziam em cima dos meharas (dromedarios) as mulheres, os filhos, as gallinhas... Era uma comprida caravana, semelhante á caravana que estacionou hontem perto do Ussuru... E engrossava ainda com tribus que encontrava, por isso que os tres *famás* tinham espalhado que o menino-marabú concederia aos seus adoradores tudo quanto lhe pedissem.

A attenção das praças indigenas duplicou.

—Emfim os *famás* chegaram em frente da habitação de Maria... —continuou o capitão—



O novo ministerio

(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

mãe de um filho que virá a ser coronel de todos os deuses e de todos os homens» ... Maria era muito pobre... Seu filho nasceu uma noite, n'uma palhota que servia tambem de abrigo a sua jumentita e aos seus carneiros. N'essa noite, os habitantes das cidades, os nómadas e os pescadores descobriram uma estrella tão grande que parecia uma lua... Ficou toda a gente admirada!

Os soldados prestavam um ouvido attento á narrativa do capitão.

—Tres *famás* (reis)—continuou Moll—que eram meharistas como vós, resolveram fazer um reconhecimento na direcção em que brilhava a tal estrella... Levaram com elles manteiga de karitê, kolas, pennas de avestruz e collares de ouro para os dar ao menino-marabú que esperavam encontrar, porque se affirmava, ha muito tempo, que o seu nascimento seria annuciado

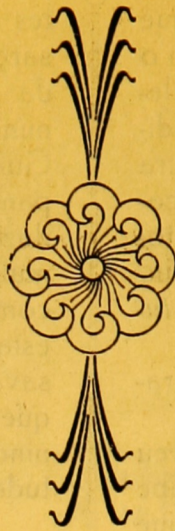
offereceram os seus presentes ao menino Jesus que se tornou em poucos annos mais instruído que o padre Dupuy e com mais poder que o commandante do districto... Curava os doentes... Dava vista aos cegos... Resuscitava os mortos, e, um dia houve quem o visse andar por cima de um lago tão amplo e tão profundo como a lago Debo... O poder de Jesus não tinha limites... Teria extrahido n'um instante o bicho do pé de Sami Diara... Teria encontrado a filhita do cabo Kulibi roubada este verão pelos bérabiches...

A bocca dos pretos abria-se pouco a pouco n'um movimento de admiração.

—No entanto—concluiu Moll,—Jesus tinha muitos inimigos, pois a bondade nem sempre é recompensada... E os seus inimigos conseguiram mata-lo... Para isso pregaram-n'o em dois madeiros em cruz como os pescadores de



Manuel Vieira Gomes



José Francisco Lisboa

grande benemerito da J. C. de S. Jeronymo de Real (Braga) cujo retrato foi inaugurado no salão nobre da mesma associação no dia 13 de dezembro por occasião da solemne academia em honra da Immaculada Conceição de Maria

outro benemerito da J. C. de S. Jeronymo de Real cujo retrato tambem foi inaugurado na mesma occasião

Bamba cravam os jacarés em dois postes... Adivincho que o sargento Seku Diallo desejaría saber porque é que Jesus, tão poderoso, consentiu em tal... Responderei que Jesus recebera ordem de morrer e que cumpriu essa ordem sem um murmúrio

Desde esse dia é tenente coronel de todos os *tubabs* e de todos os *bunhules* (pretos)... E digo que é tenente coronel porque o pae é coronel... A direita, volver! Destroçar.

* * *

Na manhã de 30 de dezembro, o posto de Bamba avisou que um *rezu* (bando) de tuaregs aullimiden circulava n'uma zona situada a cinquenta kilometros a nordeste de Tombuctu, e se dispunha a saquear tres acampamentos. A communicacão transmittida pelo posto de telegraphia optica de Rhergo, adduzia que esse *rezu* se dirigia pa-

ra o Niger. Moll, chamado pelo commandante do districto, saltou para cima do cavallo e atravessou a cidade a galope. As ordens recebidas eram breves: «Parta com dois dias de agua e

quatro de viveres. Procure o *rezu* e destroce-o.»

Ao meio dia, uma hora depois de expedida a mensagem, a 18.^a companhia sahia de Tombuctu e corria a trote para o norte. A guarda avançada compunha-se de tres atiradores sem armas. O cabo Kullibali, cuja filha fôra roubada pelos *bérabiches*, commandava essa vedeta.

Ao pôr do sol as patrulhas não tinham ainda encontrado ninguem e as informações colhidas não concordavam. Moll com o seu apito fez o signal de alto.

Emquanto os meharistas estabeleciam a sua *zeriba* (acampamento), o tenente Andreani foi collocar duas sentinellas na in-



Desenho á penna feito pelo sr. João Telles Grillo Junior (Clichê de Telles Grillo)

tercepção de dois caminhos, situada a mil e quinhentos metros do arraial. Escolhera para este serviço o cabo Kulibali e o soldado Mussá Diará. Disfarçados poderiam observar tudo sem despertar suspeitas. A's nove horas, sob a vigilância de tres pequenos postos commandados pelo sargento Brinon, o acampamento dormia. Moll não descansava. A' claridade de um photophoro, redigia o seu diario de marcha.

De repente applicou o ouvido. Alguem se approximava... No profundo silencio do matto, distinguia a bulha de um tropel precipitado. Breve divisou um vulto na sombra. Uma sentinella repetira já:

— Quem vem lá? Faça alto.

Moll reconheceu o sargento e perguntou:

— Que succedeu?

— Meu capitão — contou o official inferior — Mussá Diará participou-me que o cabo Kulibali se foi embora com a caravana do *famá* de Sansanding, que voltava de uma caçada e que só viaja de noite por causa do calor. Kulibali acercara-se para verificar a declaração de

um homem d'esta caravana... O interrogado convidou-o a avistar-se com o proprio *famá*. Então Kulibali dirigiu-se ao Mademba a quem perguntou: «Vaes saudar o menino-marabú, de quem os brancos celebraram o nascimento no dia 25 de dezembro?» Mademba depois de meditar um pouco redarguiu sorrindo: «E' verdade, vou saudar o menino-marabú Jesus.» Então o cabo declarou: «Acompanho-te. Quero pedir a Jesus que ache a minha filha roubada pelos berabiches. O capitão Moll disse que elle m'a podia restituir.

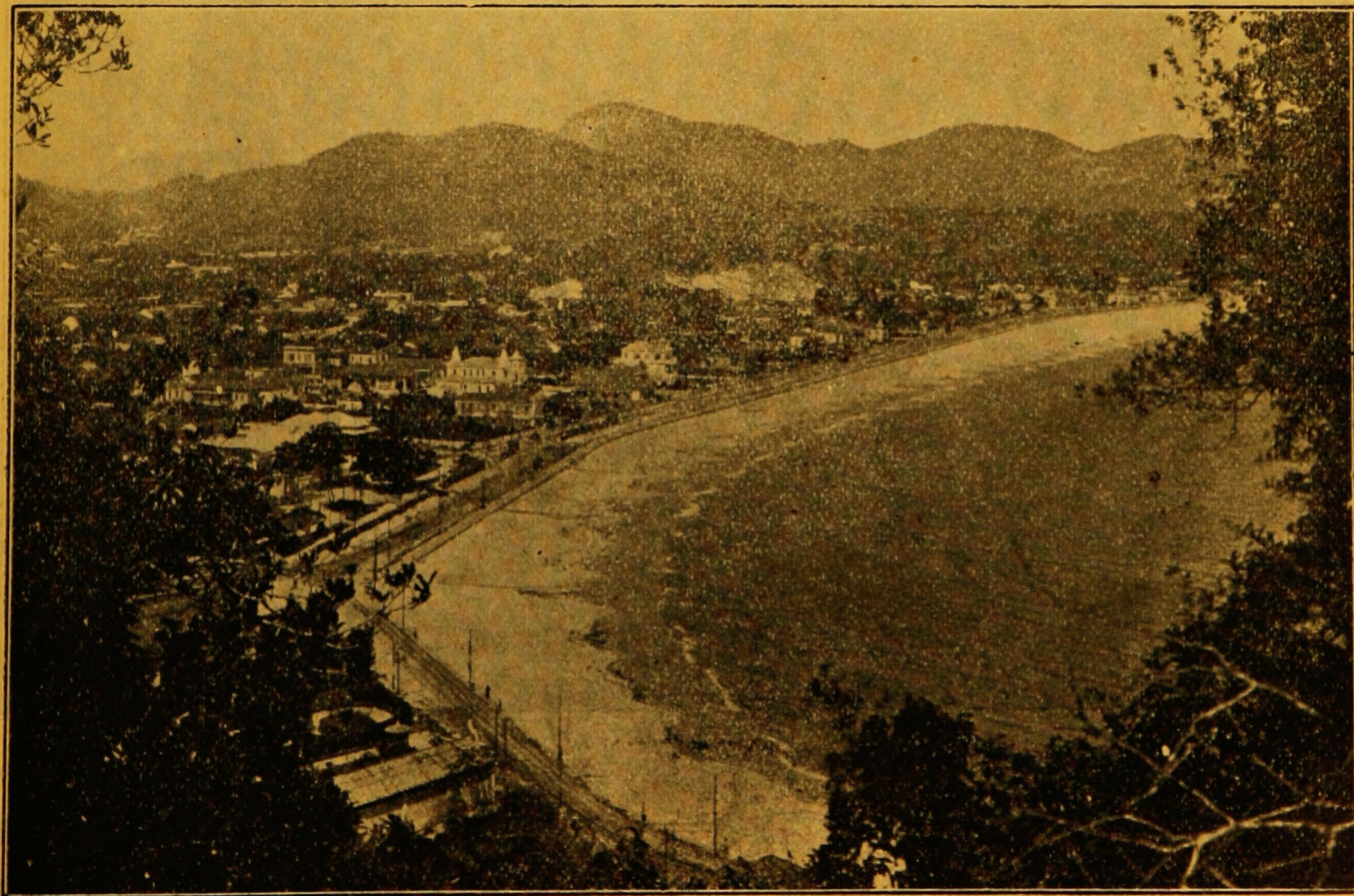
Mussá Diará preveniu Kulibali que teria de responder a conselho de guerra. Não se importou. Tinha fé em Jesus. O capitão assim lh'o ensinara.

— Mademba ha de receber noticias minhas! — resmoneou Moll batendo com o pé no chão, simultaneamente zangado e risonho.

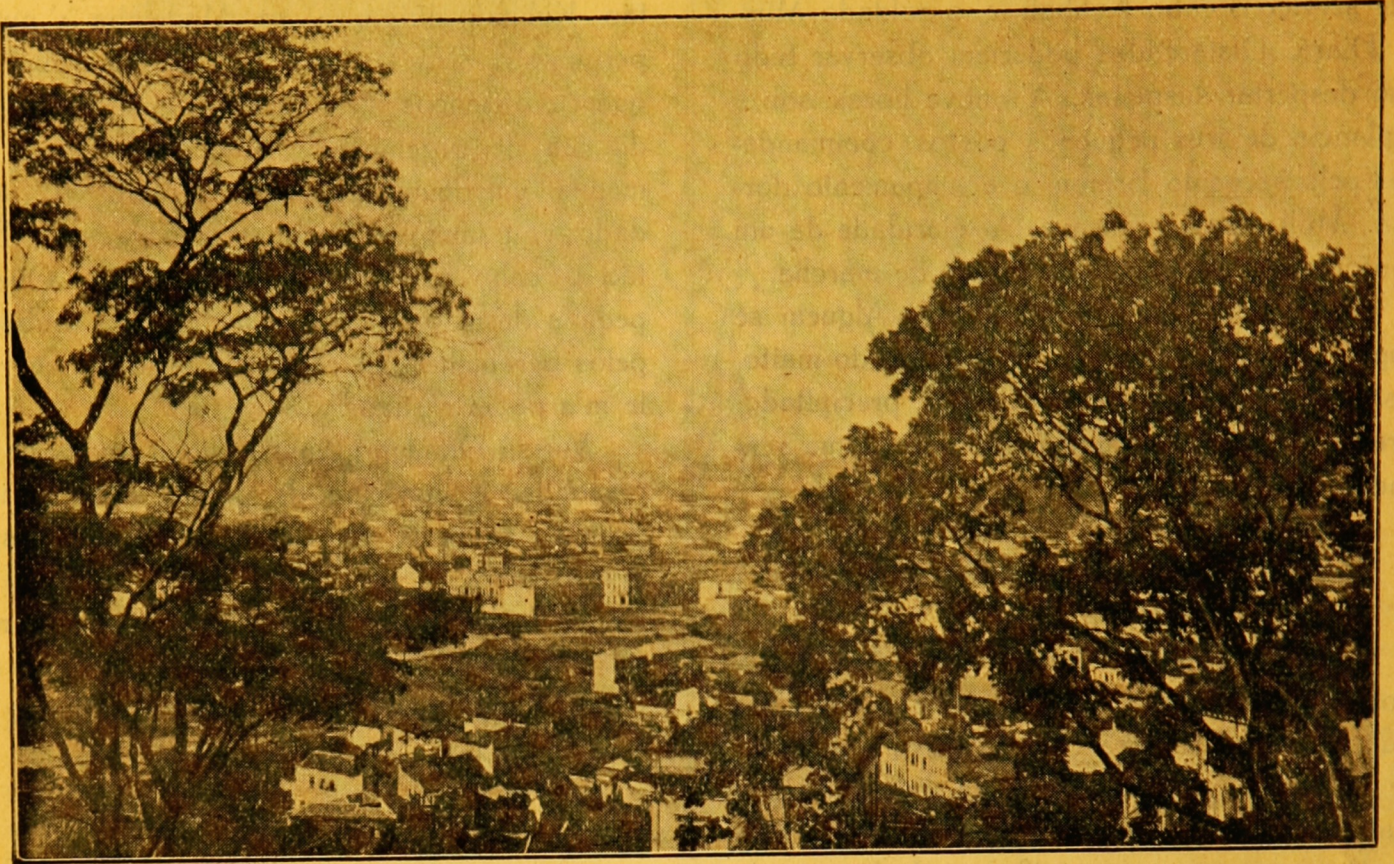
Pelo extracto.

EDUARDO DE NORONHA.

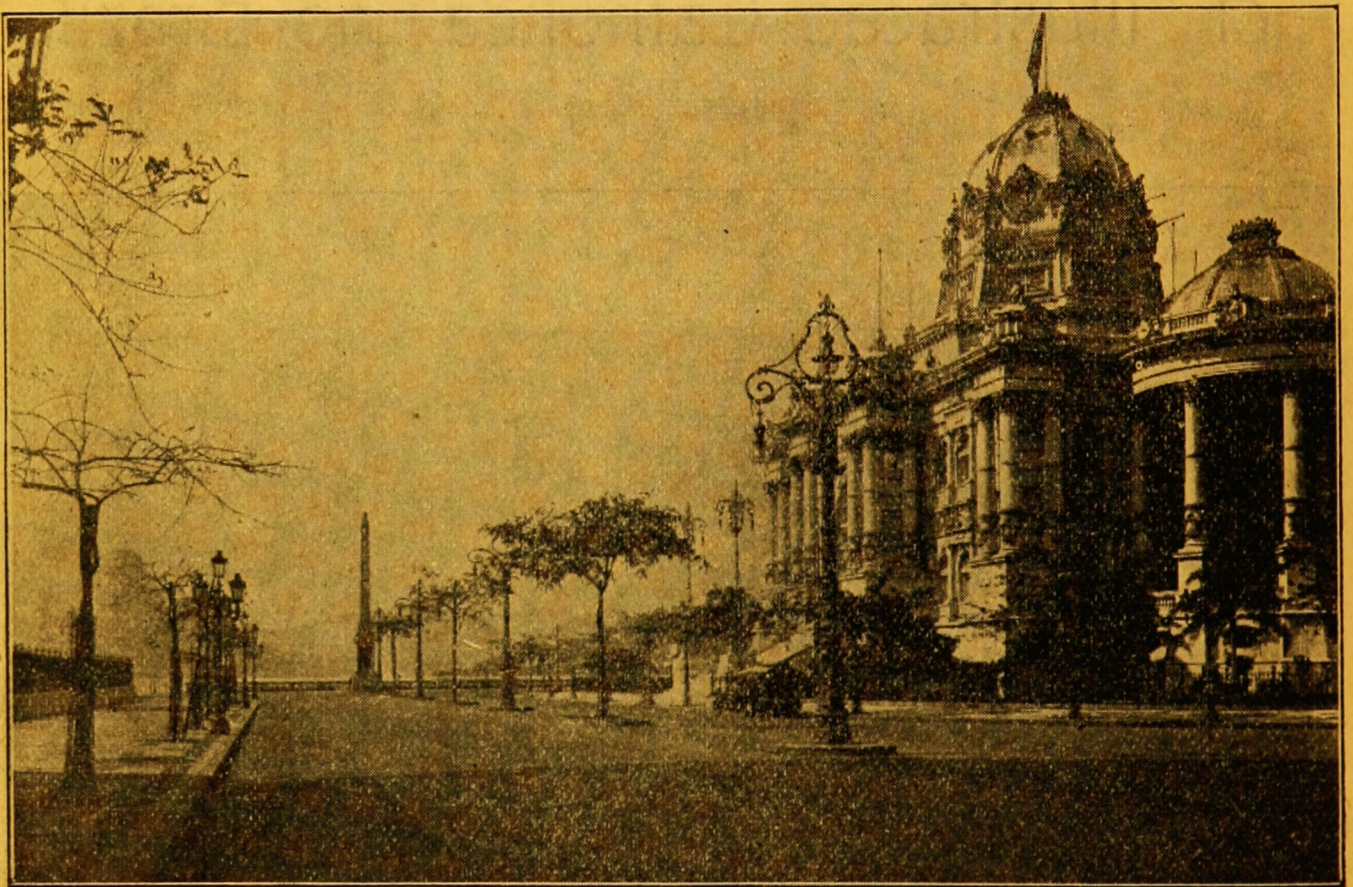
A "Illustração Catholica,, no Brazil



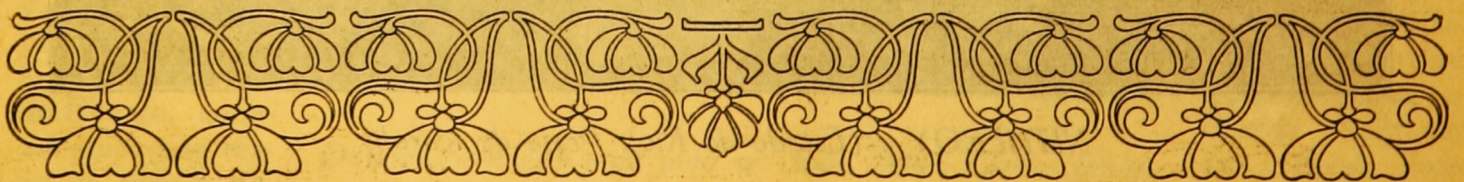
NITEROY — (Estado do Rio). Praia de Icaraby



RIO DE JANEIRO — Vista da cidade tirada do morro de Santa Thereza



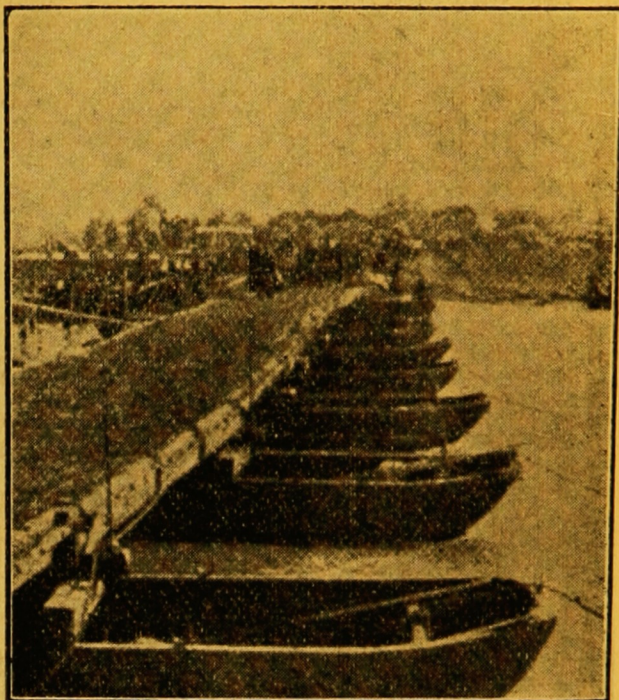
Avenida Rio Branco. Ao fundo vê-se o marco que liga as duas avenidas (Avenida Beira-mar)



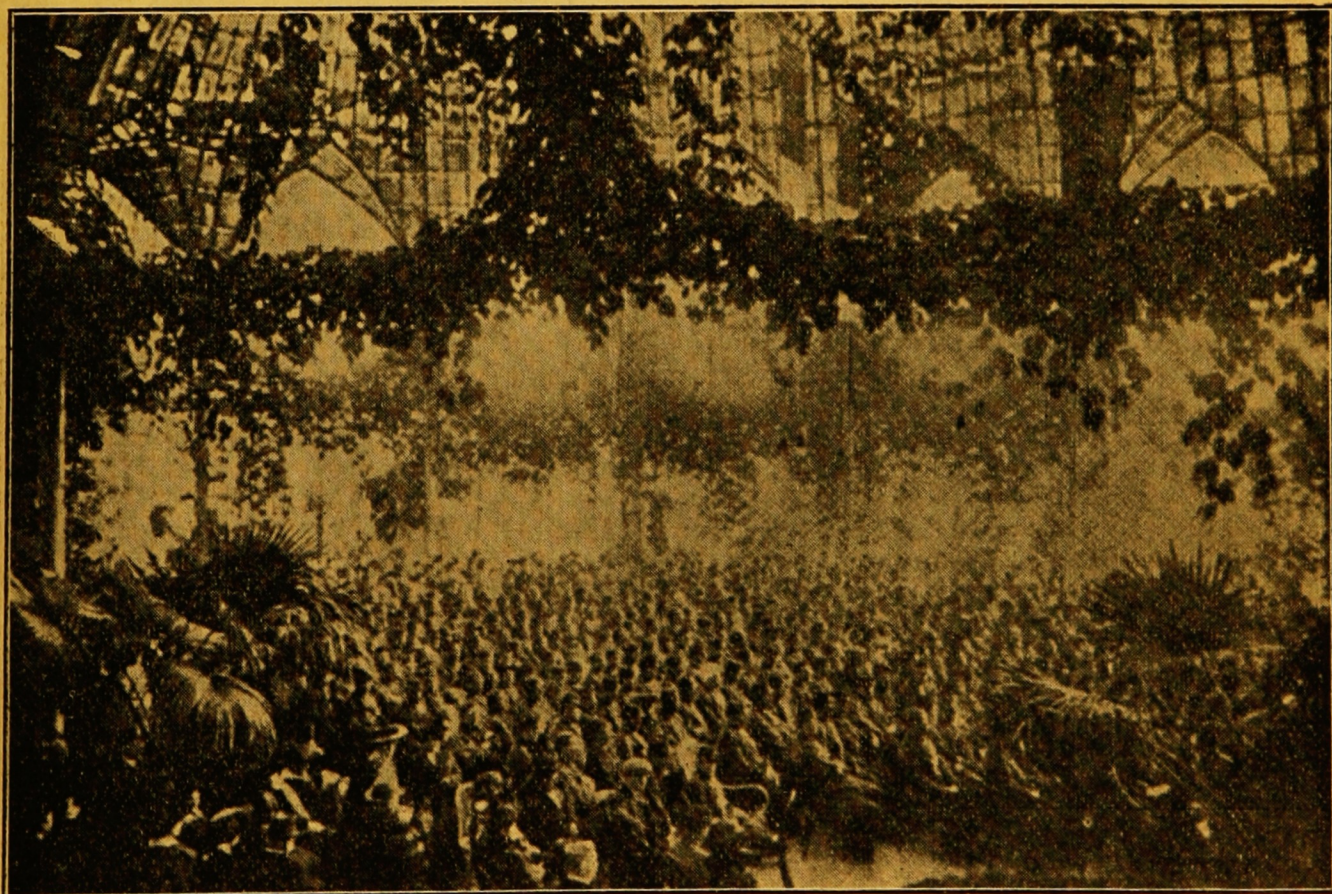
A Guerra Europeia



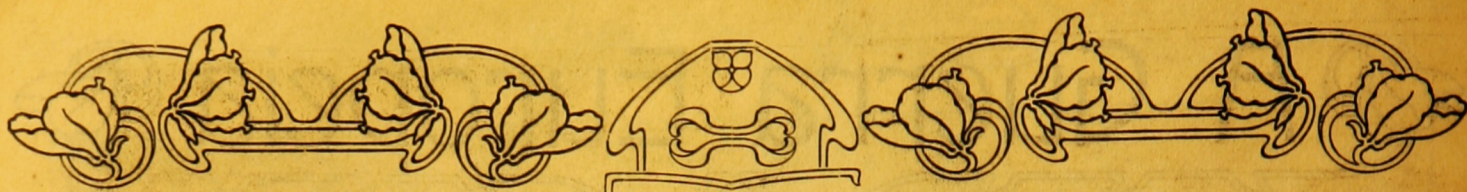
Munições austríacas encontradas ao longo da linha ferrea em Rawá-Rouska



Uma ponte de barcos sobre o rio San, abandonada pelos austríacos



FRANÇA — Concerto realizado no Palacio d'Inverno, em Pau, em beneficio dos soldados feridos

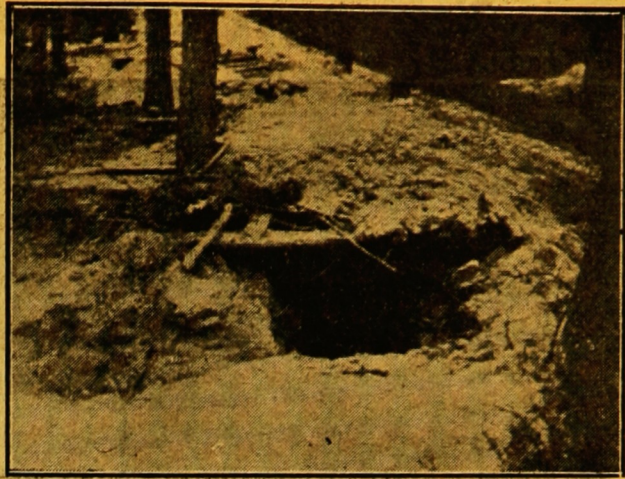
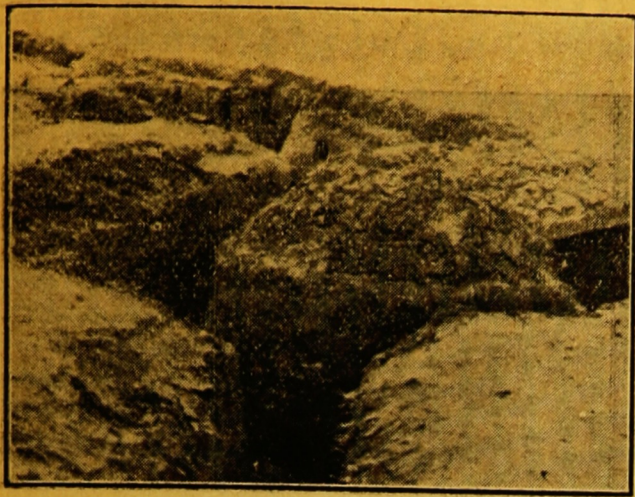


Os soldados d'uma pequena guarda avançada no Pas-de-Calais sustentando nutrido fogo contra o inimigo

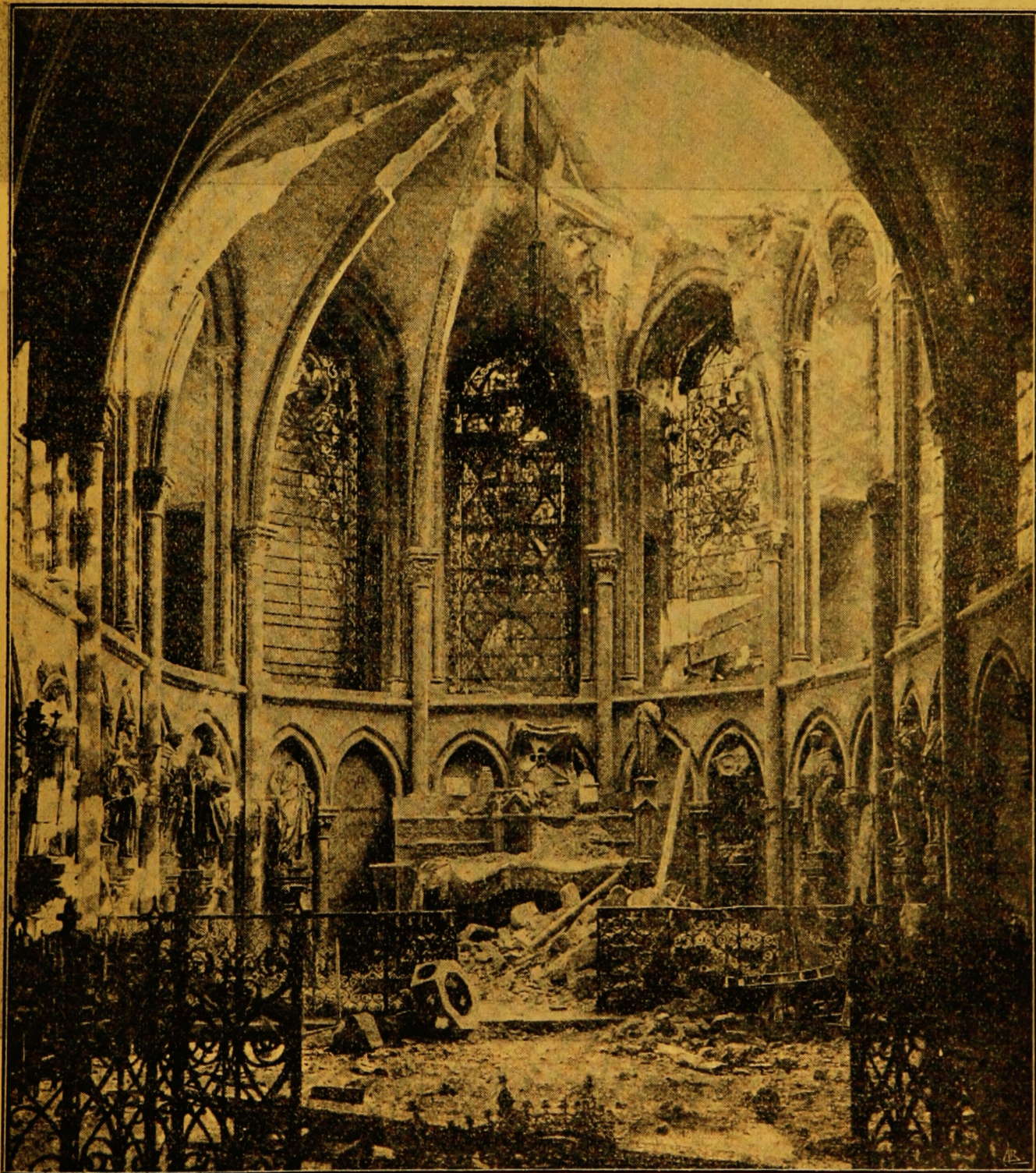


VARZOVIA—Soldados d'um dos regimentos siberianos que tomaram parte nas campanhas do Vistula

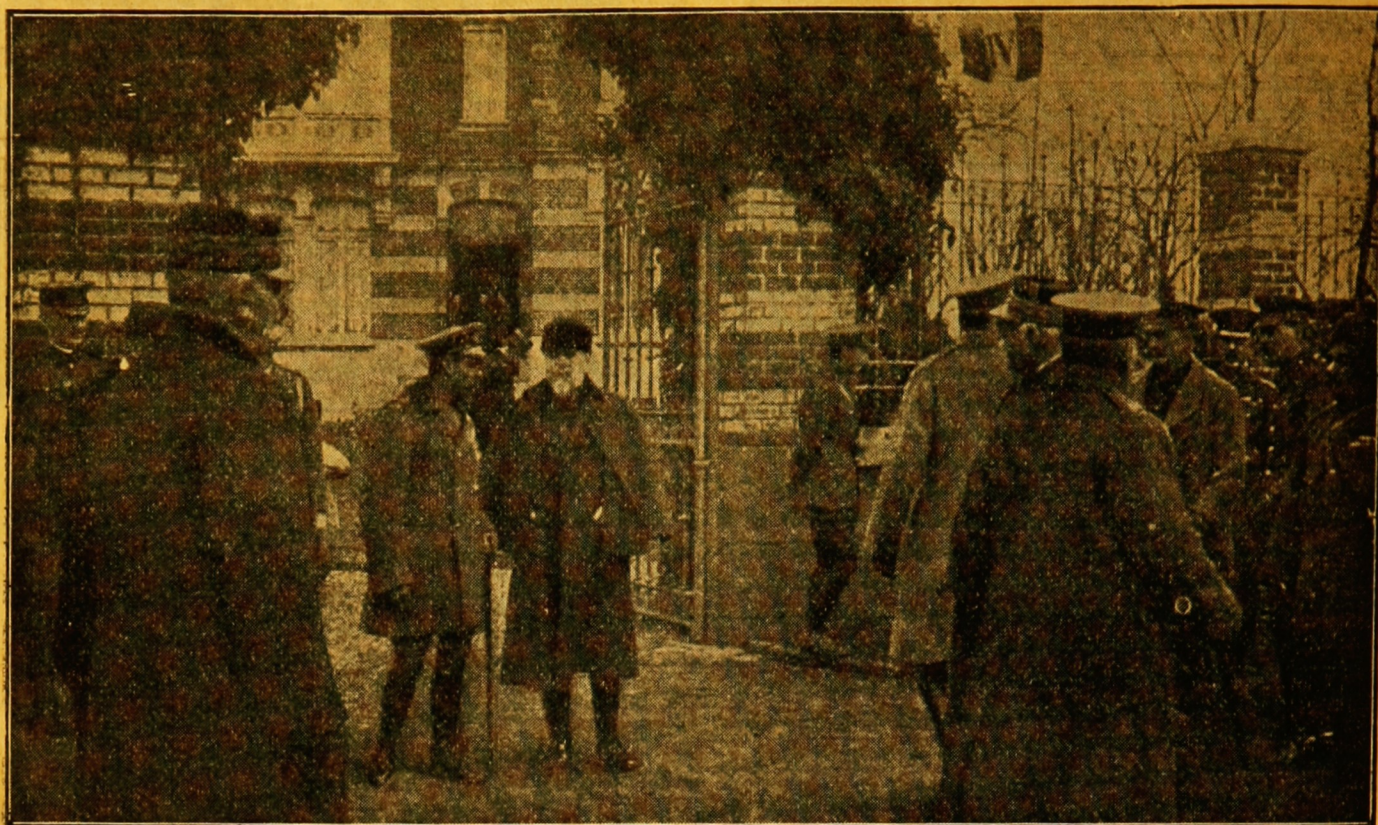




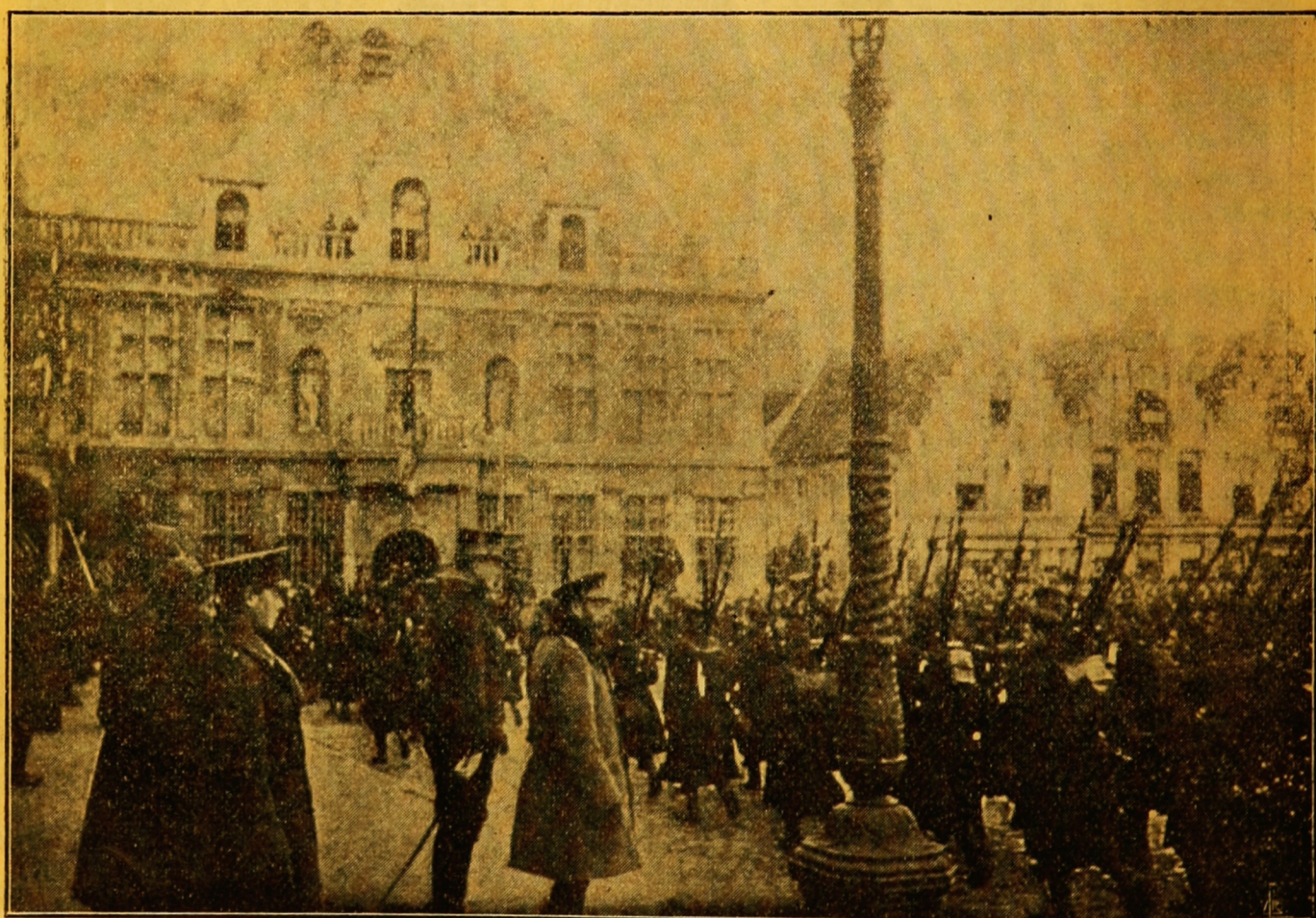
Trincheiras abertas pelos allemães e por elles abandonadas ao sul de Varzovia



REIMS—A egreja de S. Remizio destruida por um obuz



FRANÇA—O encontro do soberano de Inglaterra, do presidente da república e do generalissimo do exercito francez, em uma pequena cidade do Norte



BELGICA—Um regimento belga desfilando deante dos dois reis Jorge V, Alberto I e o principe de Galles